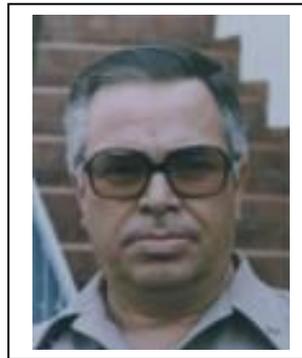


**CONDE D'Eu -MARECHAL GASTÃO DE ORLEANS(1842-1922)
UMA JUSTA HOMENAGEM DO EXÉRCITO**



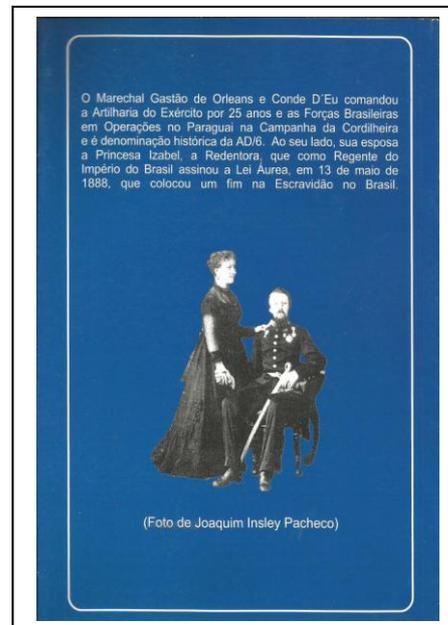
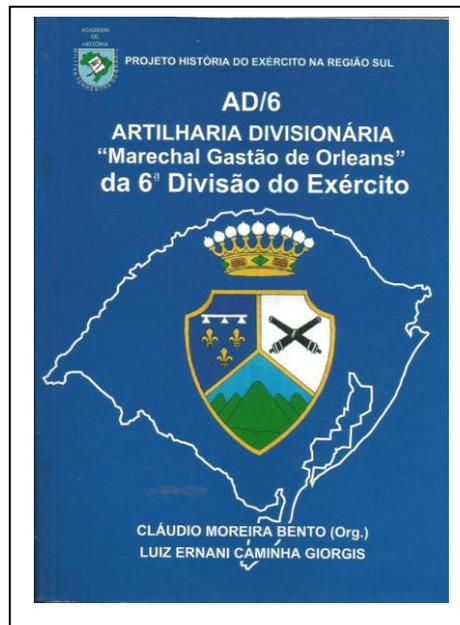
Cel Claudio Moreira Bento

Historiador militar e também jornalista e ex- comandante do 4º Batalhão de Engenharia de Combate em Itajuba-MG 1981-1982 e um dos historiadores da Arma de Engenharia e da Academia Militar das Agulhas Negras .Presidente e Fundador da (ACANDHIS) e sócio benemerito do Instituto de História e Geografia Militar do Brasil (IGHMB) e do Instituto Histórico e Geografico Brasileiro (IHGB) e integrou a Comissão de História do Exército do Estado-Maior do Exército 1970-1974. Turma Aspirante Mega AMAN 15 fev 1955 Engenharia e Counciações. Foi instrutor de História Militar na AMAN em 1978-1980.Fundou e preside desde 1º de Março de 1996 a Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB) desde então acolhida pela AMAN em suas instalações. Natural de Canguçu onde nasceu em 19 de outubro de 1931, entre as revoluções de 30 e 32 que empolgaram Canguçu.Estudou no Colegio N.S Aparecida 1938-1944, durante periodo que concidiu com a 2ª Guerra Mundial. É sócio do Instituto Histórico de Petropolis e possui artigos em seu site

Artigo do autor digitalizado de seu livro AD6 Artilharia Divisionária da 6ª Divisão de Exército para ser colocado em Livros e Plaquetas no site da FAHIMTB

www.ahimtb.org.br e cópia impressa no acervo da FAHIMTB , doado a AMAN em Boletim Interno e em levantamento para integrá-lo no programa Pergamium de bibliotecas do Exército

CONDE D` Eu- MARECHAL GASTÃO DE ORLEANS(1842-1922) UMA JUSTA HOMENAGEM DO EXÉRCITO



Capas do livro AD/6 Artilharia Divisionária Marechal Gastão de Orleans da 6ª Divisão de Exército;Porto Alegre:PROMOARTE/AHIMTB.2003



**Marechal do Exército Gastão de Orléans e Conde D'Eu
Comandante da Artilharia do Exército**

Por portaria nº 546 do Ministro do Exército, de 01 Set 98 foi concedida à Artilharia Divisionária da 6ª Divisão de Exército - Divisão Voluntários da Pátria, a denominação histórica de Artilharia Divisionária Marechal Gastão de Orléans, em realidade Louis

Ferdinand Gaston d'Orléans, o Conde D'Eu, que casou com a Princesa Isabel e de cujo consórcio nasceram no Brasil seus filhos, D. Pedro de Alcântara, em 1875, depois de 10 anos de casados, e conta-se, que depois de uma temporada tranquila em Caxambú-MG, Dom Luiz, " O Príncipe Perfeito", artilheiro nos Exércitos da Áustria e Inglaterra em 1878 e D. Antônio, em 1881, tendo os dois últimos falecido em 1920 e 1919, antes do falecimento do pai a caminho do Brasil para o centenário da Independência, a bordo do Mansilla, em 28Ago1922. Seus restos mortais e os da princesa Isabel estão em mausoléu, em Petrópolis.

A justa homenagem que o Exército lhe prestou, ligando-o à Artilharia, deve-se ao fato de haver sido o comandante da Artilharia do Exército por cerca de 24 anos; haver sido ao final da guerra do Paraguai, aos 27 anos, na Campanha da Cordilheira, o Comandante das Forças Aliadas em operações contra o Paraguai; à sua competência e preparo profissional, ao bem comandar ali experimentados generais brasileiros como Osório, Polidoro, Victorino, José Luiz Menna Barreto, etc, ao ponto de merecer este reconhecimento público do General Osório na qualidade de Ministro da Guerra, em 25 Mai 1877, em banquete oferecido ao Marechal Gastão de Orleans:

"Brindo o Senhor Conde D' Eu, meu companheiro de armas, pelo seu valor, pela sua coragem e pela justiça com que administrou o Exército.Brindo-o porque no Paraguai deu sempre provas de amor ao Brasil e se devotou do fundo de sua alma ao seu serviço, como os brasileiros lá o fizeram".

"A verdade é filha dos tempos e não da autoridade".

E a verdade, passadas as paixões dos confrontos políticos monarquistas X republicanos, agora ressurgem em todo o seu esplendor, relativamente ao Marechal Gastão de Orleans, o Conde D'Eu, alvo das paixões republicanas, pela possibilidade de num 3^o Reinado, tendo por Imperatriz a sua esposa a Princesa Isabel, ocupar ele a posição destacada de príncipe consorte.

Segundo Armando Alexandre dos Santos, membro do IHGSP, em artigo Os conselhos do Conde D'Eu ao príncipe perfeito, **RIGHB** (a.159,n.398,p.79-84,Jan/Mar,1998):

"A imagem que a propaganda republicana fixou do Conde D'Eu foi: príncipe orgulhoso, sovina, antipático, carregando nos erres de modo pouco eufónico para ouvidos nacionais, incapaz de compreender e menos ainda estimar o Brasil e os brasileiros. Feito Marechal de nosso Exército exclusivamente por força do casamento com a herdeira do trono do Brasil, seu papel como Comandante Supremo na fase final da guerra teria sido quase opereta, limitando-se a colher, sem esforço nem mérito, os frutos que Caxias arduamente semeara."

Mas História é verdade e Justiça!

E completa o autor citado:

"Do epistolário enorme do Conde D'Eu, um incansável escrevedor de longas cartas, mostra um homem de todo diverso do que se pensa e até hoje se diz dele: carinhoso, afetivo, bondoso, religioso, profundamente amigo do Brasil e dos brasileiros, interessando-se empenhadamente pela saúde dos correspondentes, dos amigos e até dos criados das famílias com que tinha relações."

É o que se conclui da leitura de sua **VIAGEM MILITAR AO RIO GRANDE DO SUL**, a qual nos referiremos adiante, que se constitui num eloquente documento a desmentir a falsa imagem que passou dele a ser feita à posteridade, depois que foi eleito bode expiatório de uma complexa conjuntura política.

Começaram a desfazer esta falsa imagem seus biógrafos Luiz da Câmara Cascudo em **O Conde D' Eu**.São Paulo: Cia Ed.Nnacional,1933 e, Alberto Rangel em **Gastão de Orleans** . São Paulo:Cia Ed. Nacional, 1935.

Aqui como historiador militar nos preocuparemos em apresentar o perfil militar do marechal Gastão de Orléans, muito justamente denominação histórica da AD/6, Grande Unidade arma de Artilharia do Exército, da qual o Conde D'Eu possuía curso universitário

na Escola Militar de Segóvia, Espanha e para a qual encaminharia o seu 2^a filho brasileiro, Luiz, nascido em 1878, que fora obrigado a deixar o Brasil aos 11 anos. Príncipe que ingressou, pelo mão do pai, na Academia Militar de Viena, e na Artilharia, para, segundo o Conde D Eu: "**pois escolhi de acordo antigo a Artilharia, como sendo a arma em que terás mais ocasião desenvolver a capacidade que sempre mostraste.**"

Este seu filho brasileiro Luiz, formado em Artilharia, serviu no Exército da Áustria a seguir no Exército inglês, ao qual, na 1a Guerra Mundial, serviu heróicamente, destacando-se em diversas batalhas e combates, de ago1914- jun1915, tendo dado baixa gravemente doente, por doença contraída nas trincheiras geladas do yser, em consequência da qual, depois de 5 anos de padecimentos, faleceu, em 26 mar 1920, tendo sido condecorado, o valente príncipe brasileiro, postumamente, pela Bélgica, França e Inglaterra. Morreu, tendo ao lado seus filhos, D. Pedro Henrique (11 anos), D. Luiz Gastão(anos) e D. Pia Maria (7 anos), os quais, na hora final, chamou até junto ao seu leito de morte para que "**aprendessem como morre um príncipe católico**".

Um Príncipe Francês

O Conde D'Eu, o último com este título, nasceu em 28 Abr 1842, na Vila de Princes, no Castello de Naully, primogênito de Luiz de Orléans, Duque de Neumours e de Antonieta Augusta, Princesa de Saxe- Coburgo, sendo neto do Rei da França, Luiz Felipe de Orléans. Seu pai, no impedimento do Rei Luiz, seria o Regente da França.



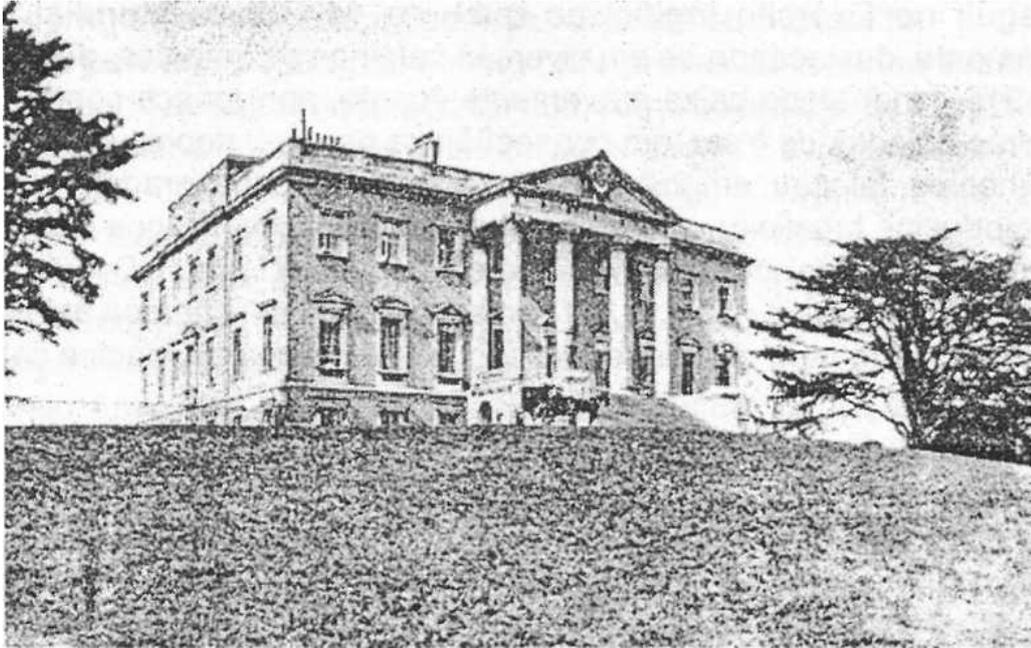
Castello de Naully - Vila de Princes - França, onde nasceu o Marechal Gastão de Orléans em 28 Abr 1842 e

onde viveu até os 6 anos.

O exílio na Inglaterra

Quando tinha 6 anos, Gastão de Orleans teve que procurar asilo na Inglaterra, junto com a Família Real, em razão da abdicação do trono da França, forçado pela Revolução Republicana que estabeleceu a 2^o República, presidida; por Luiz Napoleão.

Foram acolhidos no Solar de Clearmont pela rainha Vitória e pelo Rei Leopoldo da Bélgica. Ali, menino, Gastão, aos 8 anos, assistiu a morte de seu. avô, Rei da França no exílio, em 25 Ago 1850. E ali fez seus estudos preparatórios.



Solar de Cleamont - Inglaterra, onde o Marechal viveu dos 6 aos 17 anos até ingressar no Exército da Espanha.

Carreira militar no Exército da Espanha

O Conde D'Eu ingressou no Exército da Espanha aos 17 anos, para lutar na guerra da Espanha contra Marrocos.

Em 15 Dez 1855 foi nomeado Alferes de Cavalaria do Exército da Espanha e alistado no 11º de Cavalaria - Regimento de Cavalaria de Albuera. Logo a seguir foi designado para servir, em 11 Jan 1855 no Regimento de Hussardos da Princesa (15º de Cavalaria). Em 20 Jan 1859 atravessou o estreito de Gibraltar e desembarcou na África.

"Montava um tordilho branco, e levava no braço esquerdo o laço branco em ouro que o distinguia como oficial às ordens, e vestindo o uniforme de Alferes do Regimento de Hussardos da Princesa."

Em 25 Jan 1855, com quase 17 anos, teve seu batismo de fogo no combate de Al Kantara. Em 24 Mai 1855, perto de completar 17 anos, foi promovido a tenente ***"por méritos de guerra"***.

Ali esteve sob o comando do General D. Leopoldo O' Donnel, Conde de ;Lucena, presidente do Conselho de Ministros da Espanha, cargo que deixara para dirigir a guerra contra o Marrocos. Na batalha decisiva que assegurou a conquista de Tetuam de 06 Fev 1860, participou da carga de Cavalaria, o que lhe valeu ser elevado no campo de batalha a Cavaleiro de 1ª Classe da Real e Militar Ordem de São Fernando. Assistiu a ação de Sousse em 11 Mar 1860 e participou da batalha de Guadros a 23 Mar 1860, ***"tornando-se mais uma vez notável pela sua intrepidez bravura, espírito refletido a sangue frio"***. Atingiu Tanger com o Exército da Espanha, que restabeleceu a paz no Estado de Marrocos. Finda a guerra, desfilou triunfalmente em Madrid, em 11 Abr 1856, integrando tropas vencedoras.



Alferes Gastão de Orleans do 15º de Cavalaria do Exército Espanhol

(Hussardos da Princesa, na Guerra Contra Marrocos).

Finda a guerra foi matriculado no Colégio de Aplicação de Artilharia de Segóvia como Sub Ten aluno, em 12 Abr 1855.

Cursou este Colégio de Artilharia por 5 anos, concluindo-o em 01 Jan 1863, onde se especializou em Fortificações Ligeiras e Permanentes e em Artilharia.

Em 06 Abr 1863, foi promovido a Capitão de Cavalaria, "**por especiais circunstâncias**" e a 07 Abr 1863 promovido a tenente "*de la planta facultativa*" sendo mandado servir na Artilharia do Exército de Espanha .

Oficial de Artilharia e Cavalaria

Foi mandado servir no 5º Regimento de Artilharia a pé, onde comandou uma bateria de Artilharia em Caramandelis.

Em 23 Ago 1863 chegou em Vicálvaro, para servir no 3º Regimento de Artilharia Montada, de onde seguiu para Saragoça, no Estado-Maior do Regimento. Daí foi servir em Barcelona, no Regimento de Artilharia de Montanha. Ali, aos 21 anos, foi convidado, por D. Pedro II, para se casar com a Princesa Isabel. Deixou a Espanha em 09 Ago e chegou ao Rio de Janeiro em 02 Set 1864, aos 22 anos. Casou com a Princesa Isabel 44 dias mais tarde, em 15 Out 1864. O 1º aniversário "**de meu feliz casamento**", conforme sua citada **Viagem Militar**, ele o passou em viagem, junto com o Imperador, entre Santana do Livramento e Ponche Verde, de retorno de Uruguaiana.

Com a experiência adquirida no Colégio de Aplicação de Artilharia em Segóvia e vivência na tropa em Morteiros, Artilharia a pé, Artilharia Montada e de Montanha é que o

Conde D'Eu veio para o Brasil, para ser elevado a Marechal de Exército e comandar a Artilharia do Exército Imperial do Brasil por cerca de 24 anos.



Marechal do Exército Honorário e Efetivo do Brasil

No dia de seu casamento, em 5 Out1864, o seu sogro e Imperador D. Pedro II conferiu-lhe, aos 22 anos, o posto de honorário de Marechal do Exército, com todas as honras, isenções, regalias e privilégios.

Ele foi efetivado neste posto em Julho de 1865, seguindo no mês seguinte para o Rio Grande do Sul na comitiva do Imperador, onde assistiu, em 18 Set 1865 a rendição paraguaia em Uruguaiana e no dia 23, no mesmo local, o fim da Questão Christie com a Inglaterra, fatos que imortalizou em sua preciosa **Viagem Militar...**



***Marechal honorário do Exército Imperial do Brasil Gastão de Orleans
no dia do casamento com a Princesa Isabel em 15set1864.***

A sua viagem militar ao Rio Grande do Sul

Ao retornar de sua lua de mel na Europa, o Marechal Gastão de Orleans conheceu estar o Imperador no Rio Grande do Sul, em razão da invasão Paraguaia do Brasil por São Borja, e em seguida terem os paraguaios conquistado e ocupado Uruguaiana.

E assim deixou o Rio em 01 Ago 1865 para integrar a Comitiva Imperial, à qual se incorporou em Caçapava do Sul atual em 15 Ago 1865. Assim percorreu o Rio Grande do Sul de 05 Ago, data de sua chegada a Rio Grande, até 24 Out, sua chegada a Pelotas, depois de 85 sofridos e desconfortáveis dias de viagem ao longo do itinerário: Rio Grande - Porto Alegre - Rio Pardo - Cachoeira do Sul - Caçapava do Sul - São Gabriel - Rosário do Sul - Saicã - Alegrete -Uruguaiana - Itaqui - São Borja - Itaqui - Uruguaiana - Alegrete - Santana do Livramento - Ponche Verde - Bagé - Candiota -Jaguarão - Santa Izabel - Pelotas - Rio Grande.



O Marechal Gastão de Orleans e sua esposa, a Princesa Isabel, em trajes sociais em sua viagem de lua de mel pela Europa.

Desta viagem, deixou escrito valioso documento histórico, um verdadeiro retrato do Rio Grande do Sul militar, das localidades que visitou, dos costumes gaúchos, da paisagem, etc. que exploraremos mais adiante. Viagem militar que só veio a luz em 1920, ou 55 anos mais tarde e que foi publicada pelo **Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro** em sua RIHGB (a.85(139): 107-278,1919). Relato que elaborou depois de copydescado pela sua esposa, a Princesa Isabel para enviar à sua família na Europa.

A Artilharia na Viagem Militar do Mal Gastão ao Rio Grande do Sul

O Conde D 'Eu chegou a Porto Alegre em 07 Ago 1865, em melo a frio intenso. Foi passear por Porto Alegre para espantar o frio e escreveu a a altura:

"Eu vi uma companhia de Artilharia fazendo exercício. Esta tinha a particularidade de ser toda composta de indivíduos de origem alemã, que tinham vindo da Europa. Outros eram cidadãos brasileiros de nascimento, oficiais são também alemães e as vozes de comando dão-se em alemão, o comandante tem a medalha do Holstein de 1849 e a do Prata (Guerra contra Oribe e Rosas), de 1852. A influência brasileira tem suavizado nestes senhores a rigidez germânica. Os seus soldados manobram muito bem as peças de 4 polegadas não raiadas, que lhes deram. Usam, como em geral os Voluntários da Pátria, a blusa azul e o chapéu de feltro. Vi um cabo que, tem a medalha de Holstein e do Prata, tem o distintivo de 9 anos no Exército da Prússia. Cabos como este, constituem, para estes soldados, imensa vantagem, em relação à sua instrução militar, sobre todos os outros voluntários."

Em realidade, era a célebre Bateria Alemã, por nós abordada em **Estrangeiros e descendentes na História Militar do RGS**. Porto Alegre: IEL, 1975.p. 119/120, autorizada a ser organizada em 19 Jun 1865, cerca de 48 dias antes do Conde D 'Eu vê-la exercitar-se e sobre a qual acabamos de escrever em **Alemães e descendentes na História Militar do RGS**. Resende: AHIMTB/IHTRGS, 2000, que traduziu nossa comunicação a Simpósio sobre a Imigração, no transcurso dos 500 anos do Descobrimento e promovido pelo Instituto Histórico de São Leopoldo. Trabalho onde sugeríamos estudar que uma das baterias do Grupo Visconde de São Leopoldo levasse o seu nome, como denominação histórica, como homenagem aos seus bravos recrutados na Colônia de São Leopoldo, em especial.

Ao desembarcar no porto de Cachoeira, às 17 horas de 10 Ago 1865, viu abandonado na praia o material de uma bateria de Artilharia, composto de 6 obuzes lisos e de certo número de caixas contendo o letreiro Pólvora. Mais tarde, encontrou o comandante, **"um velho coronel de Artilharia"**, que esperava o envio de Porto Alegre dos artilheiros para guarnecer as peças que encontrou abandonadas junto ao rio.

Em 16 de agosto, em Caçapava, junto com o Imperador, visitou locais onde se levantariam fortificações passageiras. Pois esperavam, como em 1851, aí oferecer resistência a uma invasão. Foi aí que chegou a notícia de que Uruguaiana havia sido tomada e ocupada pelos paraguaios.

Em São Gabriel visita a Caserna de Bravos, construída por Mallet e nota que dois lados de seu quadrilátero haviam ruído e outros dois seguiam o mesmo destino. Quartel que mereceu do acadêmico Osório Santana Figueiredo o livro **Caserna de Bravos**. Santa Maria: Ed. Palloti, 1995 e reeditado em 1996 por iniciativa do acadêmico Cel Carlos José Sampaio Malan, em que registrou memorável sessão ali realizada pela Academia de História Militar Terrestre comemorativa de seu 1º aniversário.

Ainda em São Gabriel, em 02Set ele assistiu a travessia de balsa do Vacacaí, nos fundos da atual Caserna de Bravos, do 4º Batalhão de Artilharia a pé, que integrava a Brigada de Infantaria do Cel Fontes, a qual levava de Caçapava a São Gabriel 28 dias para percorrer 35 léguas, em razão da marcha vagarosa das 43 carretas puxadas a bois. Sugeriu então que a melhor solução seria a substituição dos bois por muares, animais que foram adotados por longo tempo e serviriam ao Exército Brasileiro até a sua motorização e mecanização, depois da 2ª Guerra Mundial.

No sítio de Uruguaiana, no dia 18 de setembro, assim observou a disposição da Artilharia defronte a tropa e formada em bateria, a leste de Uruguaiana: Eram 24 peças dispostas em bateria, distante 300 metros dos muros entrincheirados de Uruguaiana -14 argentinas, 8 brasileiras e 6 orientais. E foi atrás da Artilharia Brasileira e na frente dos batalhões brasileiros que o Imperador tomou posição para o ataque, que não houve, pois

os paraguaios se renderam, à revelia de seus comandantes, depois que a Cavalaria Gaúcha atacou, por iniciativa própria, Uruguiana, e cada qual tomou na garupa os paraguaios, que saltavam por detrás dos muros. O Conde D'Eu, ao aproximar-se dos muros, viu do outro lado os paraguaios de braços e suas armas colocadas pacificamente ao solo.

Sobre a Artilharia paraguaia que defendia Uruguiana contou 5 peças, sendo uma fundida em Sevilha em 1679, outra em Barcelona em 1788 e outra em Douai em 1790.

Mas a Artilharia Brasileira efetivamente foi usada em Uruguiana em 24 de agosto, 6 dias depois da rendição, ao disparar de 15 em 15 minutos um tiro de pesar pelo aniversário de falecimento do Imperador D. Pedro .em Portugal , no Palacio de Queluz.

Nota; Visitamos no Palacio de Queluz o quarto onde D. Pedro I nascera e morrera. E na cidade do Porto a igreja onde foi guardado o seu coração. Antes como Oficial do Estado-Maior do atual Comando Militar do Sudeste em 1977 fomos destacados para representar o Exército, no sepultamento definitivo do Imperador D. Pedro I no Monumento do Ipiranga.

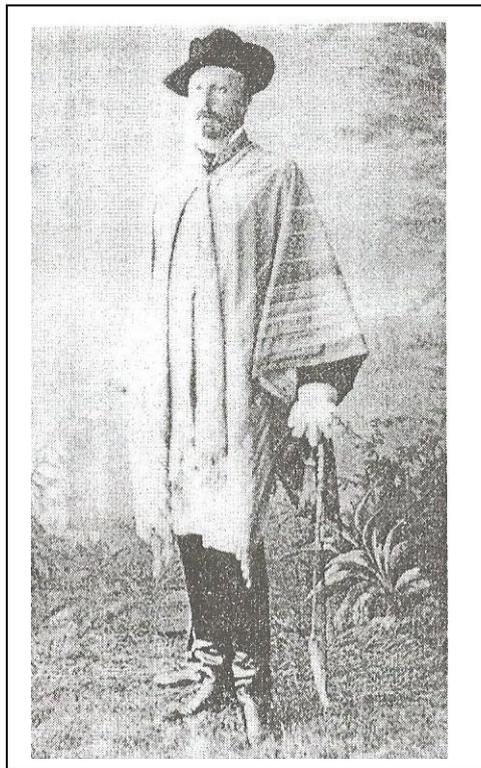


Foto com trajes gauchos tirada em Porto Alegre ,por ocasião de sua passagem por lá

Em 25 Set o Conde D'Eu teve negado o seu pedido de incorporar-se ao Exército de Osório que ia atravessar o rio Uruguai e invadir o Paraguai. E assim desabafou em nota, na sua **Viagem Militar**:

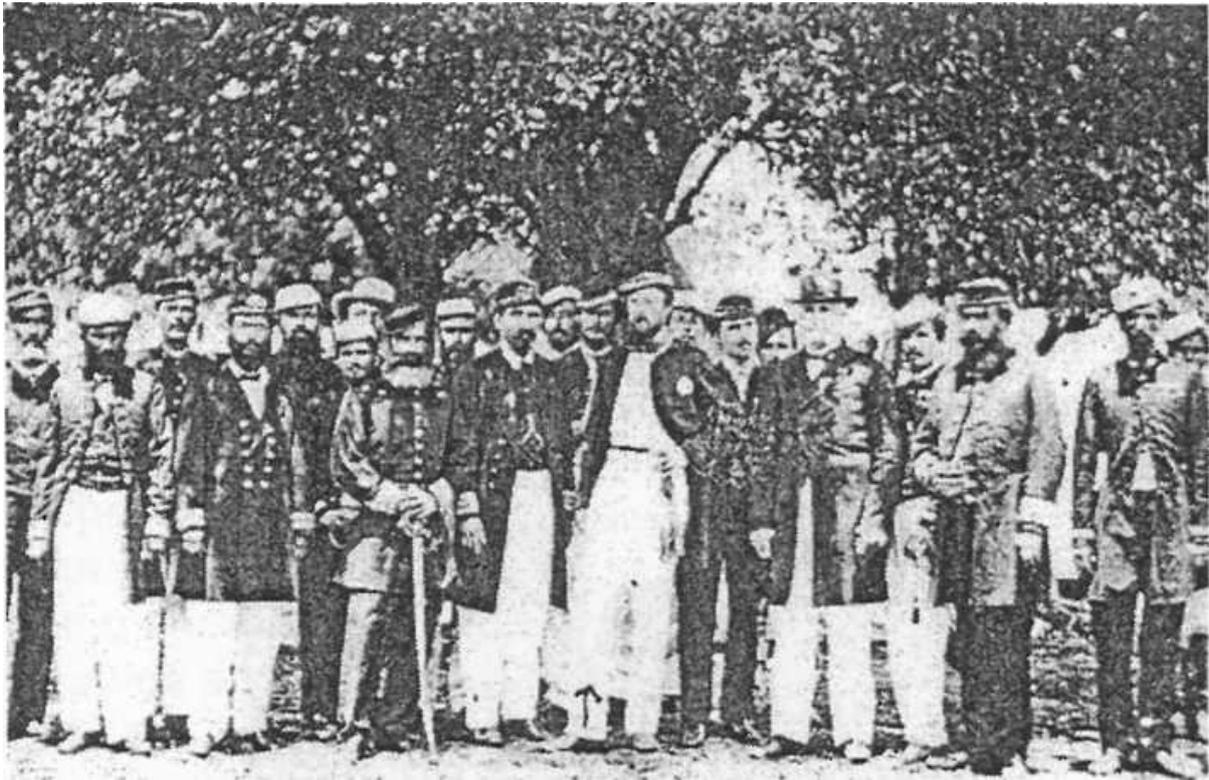
"Fiz todo o esforço para conseguir do Imperador que me permitisse acompanhar o Exército que ia atravessar o rio Paraguai e invadir o território paraguaio. Foi debalde, assim como também o Governo Imperial sempre se negou a anuir aos insistentes pedidos que, em 1866, 1867 e 1868, sucessivamente formulei para ser autorizado ir juntar-me ao Exército Brasileiro que combatia no Paraguai, com qualquer posto que se me designasse. Só em fim de fevereiro de 1869, achando-me em Petrópolis, fui repentinamente convidado por carta do Imperador a

ir tomar o comando do Exército, paralisado, depois das brilhantes vitórias do mês de Dezembro e da ocupação de Assumpção."

Ele substituiu o atual Duque de Caxias, que adoecera e sobre o qual referiu em sua **Viagem Militar** em nota em 1919:

"General Marquês de Caxias. Foi de Out1 866 a Jan1869, comandante em Chefe de todas as Forças Brasileiras no Paraguai e agraciado com o título de Duque depois de notáveis vitórias que aniquilaram a maior parte das forças de Lopes. Presidente do Conselho de Ministros e Ministro da Guerra de 1856 a 1857, de 1861 a 1862 e de 1875 a princípios de 1878."

Caxias em 1865 possuía 62 anos, o Imperador cerca de 40 e o Conde D'Eu cerca de 23 anos.



O Marechal Gastão de Orleans e o Conde D'Eu comandante das forças brasileiras na Campanha da Cordilheira com o seu Estado-Maior. Está no centro de calça branca, tendo uma seta indicando sua presença.

Retornando ao Rio de Janeiro o Conde D'Eu foi nomeado, por Decreto de 15Nov1865, Comandante Geral da Arma de Artilharia do Exército e presidente da Comissão de Melhoramentos do Exército, a frente de cujas comissões prestou relevantes serviços ao Exército Brasileiro, conforme relatam Relatórios de Ministros da Guerra da época. Ele presidiu a Comissão de Melhoramentos por cerca de 13 anos, até a sua dissolução em 26 Abr 1878.

Em 22 Mar 1865, aos 27 anos, foi nomeado Comandante-em Chefe de todas as Forças Brasileiras em Operações no Paraguai, cargo que assumiu em Assunção em 16 Abr 1869, no 2º aniversário da Travessia do Passo da Pátria.

De sua proclamação ao Exército Brasileiro destacamos:

"Volta hoje o 2º aniversário do dia em que, guiados por um General de inextinguível heroísmo (Gen Osório), efetuastes em presença do inimigo uma das mais atrevidas operações militares.

As inúmeras provas de bravura e resignação que depois e antes desse dia sempre memorável, tem dado o Exército, a Armada, os Voluntários da Pátria e a Guarda Nacional, tem feito brilhar as armas brasileiras de uma glória imortal.

Espero que a experiência dos generais que vos tem conduzido me habilitar a cumprir com todas as obrigações da árdua comissão que me tem imposto minha entranhável dedicação à grandeza do Brasil."

O comando Geral da Artilharia do Exército ele o delegou ao seu patrício Cel Emílio Luiz Mallet: atual patrono da Artilharia.

E conduziu a campanha até a vitória final. Seu desempenho foi acompanhado pelo Major Alfredo de Taunay que o documentou em suas **Memórias**. Ao despedir-se do Exército fez publicar a seguinte OD:

ORDEM DO DIA nº 45 - Doc. nº 149

As forças comandadas pelo Exmo. Sr. General José Antônio Corrêa da Câmara acabam de por termo glorioso à luta, há tanto tempo sustentada pelas as brasileiras.

Saídos da Conceição, mas a 9 de fevereiro, outros a 16, para empreenderem nova expedição, que devia coroar as marchas e fadigas, a que se viram obrigados durante os últimos 5 meses, em menos de 20 dias lograram o fito de seus esforços e asseguraram o descanso do país, digo do Brasil.

Na madrugada de 1º de março, depois de surpreendida pelo Tenente-Coronel Francisco Martins, a vanguarda inimiga postada no passo das Taquaras, foi varado o rio Aquidabã pelo 9º de Infantaria e clivineiros dos corpos 18º, 19º e 21º. À essa força, guiada pelo coronel Silva Tavares e pelo General Câmara em pessoa, coube a glória de conquistar o último acampamento inimigo, de alcançar o próprio ditador em sua fuga, e vê-lo expirar com seu filho mais velho, renitentes na resistência, ao passo que os outros chefes e oficiais se entregavam prisioneiros, e que sua mãe e irmãs agradeciam a intervenção inesperada que as salvara do destino cruel a que estavam reduzidas.

Faltam expressões para não só devidamente louvar e exaltar os serviços restados à causa pública pelo General Câmara, como também, para especificar as qualidades militares por ele demonstradas, a sua atividade sem igual, a sua bravura e a sua inteligência excepcional.

Na parte por ele apresentada, que ora é publicada, vêm apontados todos os incidentes dessa memorável expedição, que foi buscar o tirano nas fraldas da serra de Maracaju, quase na raia do território paraguaio.

Semelhante resultado, que foi tanto além de todas as esperanças e que coroa as aspirações da Nação Brasileira, é devido unicamente, posso dizê-lo, ao general que conseguiu e que viu os seus cálculos perfeitamente executados pelos que operavam debaixo de suas ordens, à testa dos quais figuram os distintos coronéis Antônio da Silva Paranhos, Frederico Augusto de Mesquita, João Nunes da Silva Tavares e Bento Martins de Menezes. A todos, pois, louvo pelos seus bem sucedidos esforços, e nisso nada mais faço do que antecipar os aplausos com que

a opinião do Império sem dúvida acolherá o feito mais importante desta guerra de 5 anos.

Se, porém, fosse lícito repartir com outros a glória que pertence aos triunfadores de Cerro-Corá, a maior parte deveria, depois deles tocar, ao Exmo. Sr. Marechal de Campo Vitorino José Carneiro Monteiro, comandante das forças ao N. do rio Manduvirá, a cujo zelo pelo serviço e incansável providência se deve terem aquelas forças podido desempenhar a custosa tarefa, sem que, por momentos lhes faltassem o sustento e os meios imprescindíveis de mobilidade.

Merece também, aqui menção o Coronel Antônio Augusto de Barros Vasconcelos, o qual, na qualidade de comandante interino das forças estacionadas na vila da Conceição, muito contribuiu para o bom provimento de animais e víveres.

Terminando direi que, quando eu não tivesse colhido outro resultado de meus trabalhos, dar-me-ia por satisfeito em ter feito brilhar e evidenciarem-se pela prática os notáveis talentos do brigadeiro José Antônio Corrêa Câmara, em que o Brasil tem, hoje em dia, um general no vigor dos anos, capaz de levar ao cabo os mais árduos cometimentos e de honrar a sua pátria perante o mundo civilizado.

**Gastão d'Orléans
Comandante em Chefe**

Passou o comando em 16 Abr 1870 ao Marechal Câmara e retornou ao Rio de Janeiro, onde chegou em 25 Abr, tendo-lhe sido concedida no dia anterior a Medalha do Mérito Militar, que lhe seria colocada no peito pela Princesa Isabel.

O Jornal do Comércio de 01Mar1870 assim referiu-se à sua chegada:

"O Príncipe foi recebido peia população, não só como general vencedor, mas também como filho e irmão estimado, que, vencidos trabalhos e perigos regressa ao seio da família".

Refeito do cansaço, reassumiu as funções de Comandante Geral de Artilharia e Presidente da Comissão Melhoramentos do Exército.

Em 06 Ago 877 foi agraciado com a Medalha Geral da Campanha do Paraguai, com passador de ouro nº 1.

Comando das manobras militares de Campo Grande do Realengo

Em 1884, como Comandante em Chefe das Forças da Corte, do Corpo de Alunos da Escola Militar da Praia Vermelha e de alunos das extintas Escolas de Tiro de Aprendizes de Artilheiros das fortalezas São João e Santa Cruz, durante 8 dias acampados em Campo Grande do Realengo, realizaram manobras militares.

Ao término foi louvado pelo Ministério da Guerra:

"Pela habilidade e inexcelável dedicação com que soube guiar aquelas forças nas diversas operações que podem surgir em uma campanha militar".

Decorridos 21 anos, o seu então colaborador, o Capitão Hermes da Fonseca, realizaria ali, em 1905, como Marechal e com a atual 1ª Região Militar, da qual é denominação histórica por esta razão, as célebres Manobras de Santa Cruz. Elas se repetiram nos anos seguintes.

Em 22Out1884 seguiu em Comissão Militar para o Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Neste, deveria escolher um local mais adequado para um Campo de Manobras, tendo sugerido os campos de Saicã e ali nele realizado uma manobra de 3 armas, seguindo o que havia dirigido no Realengo de Campo Grande até Santa Cruz. O acompanhava o Capitão Hermes da Fonseca, filho de São Gabriel/RS.

Em 1885 o Conde D'Eu e a Princesa Isabel e filhos vieram ao Sul. E ficaram hospedados no Palácio do Presidente da Província.

Em 11 Jan 1885 os príncipes assistiram no Campo da Redenção, defronte ao atual Colégio Militar, uma batalha simulada da qual participaram a guarnição do Exército de Porto Alegre, o Corpo Policial e alunos da Escola Militar, que funcionava no Casarão da Várzea.

No dia seguinte, em presença dos príncipes, foi entronizado no Salão de Honra da Câmara Municipal de Porto Alegre o retrato a óleo do Marechal Câmara, mandado pintar pelos corpos docente e discente da Escola Militar, funcionando no Casarão da Várzea. Presentes o Presidente da Província e o seu Comandante das Armas.

E de Porto Alegre o Conde D'Eu se dirigiu a Saicã, onde sob o seu comando geral teve lugar a inauguração do Campo de Manobras, com uma batalha simulada, servindo como seu chefe de Estado-Maior o Ten Gen Salustiano Jerônimo dos Reis e como comandantes das 1ª e 2ª divisões de Manobras o Marechal de Campo Manoel de Almeida Gama Lobo d'Eça, Barão de Batovi e o Brigadeiro José Luiz da Costa Júnior.

Esta teria sido a 1ª Manobra em Saicã, no Campo de Manobras escolhido no ano anterior pelo Conde D'Eu, de cuja comitiva participou o mais tarde Ministro da Guerra e Presidente da República Mal Hermes da Fonseca.

Ali, conforme mencionou em sua **Viagem Militar**, ele passou vários dias em barraca durante as manobras e de retorno sugeriu ao Ministro da Guerra a criação ali em Saicã de uma Coudelaria. Fato acontecido 35 anos mais tarde, em 1922, com a Criação da Coudelaria Nacional do Rincão, que abordamos em **História da 3ª Região Militar** v.3. transformada em CIBSB (Campo de Instrução Barão de São Borja), Dec 29.915 de 24Ago1951.

Ele visitou Santana nesta ocasião, tendo, à noite, interrompido a viagem para evitar cair num penhasco porque o cocheiro não conseguiu divisar o caminho. E, sem jantar, dormiu em companhia de seu secretário militar, sob o carro aberto. No dia seguinte, faminto, foi socorrido por uma senhora que foi tirar leite para matar a fome do Marechal, de seu secretário e cocheiro. Pouco adiante estava Santana, onde foi recebido pelo então Cel Isidoro Fernandes de Oliveira que 8 anos mais tarde, como Marechal, seria aprisionado em Rio Negro por federalistas e mantido preso, conforme abordo em **História da 3ª Região Militar**.v.2.

Escrevemos sobre as Manobras de Saicã/1885-1941 em **História da 3ª RM 1889-1953**. Porto Alegre: 3ª RM, 1995. p. 327-345.

Ainda em 1885, de 16 a 26Ago, durante 10 dias dirigiu na Fazenda de Santa Cruz (com apoio na atual caserna do 1º BE Cmb - Batalhão Villagran Cabrita), uma Manobra de Corpo de Exército pelo qual foi louvado pelo Ministério da Guerra.

"Pela inteligência, pela dedicação e patriotismo com que concorreu à expectativa e confiança do governo Imperial."

Seu banimento pela República

Com a Proclamação da República em 15 de novembro de 1889 ele foi banido do Brasil, com toda a Família Imperial e anulada a concessão de sua patente de Marechal de Exército, com a qual por cerca de 24 anos tão distintamente servira ao Exército Brasileiro, na paz e na guerra.

Caminhou a pé do antigo Paço até o cais Pharoux em conversa, inclusive com o Ten Cel João Nepomuceno Medeiros Mallet, filho do Marchal Emílio Luiz Mallet - atual



Alegoria representativa do Marechal Gastão de Orleans e Conde D`Eu na Guerra do Paraguai

patrono da Artilharia do Exército e que deu início em 1898 a Reforma Militar, como Ministro da Guerra.

Ao despedir-se, o Conde D'Eu deu a seguinte mensagem aos brasileiros

"A todos os amigos que nesta terra me favoreceram com sua sincera e por mim tão prezada afeição, aos companheiros que há longos anos já partilharam comigo as agruras da vida de campanha prestando-me apreciável auxílio em prol da honra e segurança da pátria brasileira, a todos os que na vida militar ou na civil até há pouco se dignaram comigo a colaborar, a todos aqueles a quem em quase todas as províncias do Brasil /o finezas sem número e generosa hospitalidade, e a todos os brasileiros em geral um saudosíssimo adeus e a mais cordial gratidão!

Não guardo rancor à ninguém; e não me acusa a consciência de ter conscientemente a ninguém feito mal. Sempre procurei servir lealmente Brasil na medida de minhas forças.

Desculpo as acusações menos justas e juízos infundados de que por vezes fui alvo. A todos ofereço minha boa vontade, em qualquer ponto a que o destino me leve. Com a mais profunda saudade e intenso pesardespeço-me deste país no qual vivi, no lar doméstico ou nos trabalhos públicos, tantos dias felizes e momentos de imorredoura lembrança. Nestes sentimentos acompanham-me minha muito amada

esposa e nossos tenros filhinhos, que, debulhados em lágrimas, conosco empreendem hoje a viagem do exílio. Prezo a Deus que, mesmo de longe, ainda me seja dado ser alguma de alguma forma útil aos brasileiros e ao Brasil.

Bordo da canhoneira Parnahyba, no ancoradouro da Ilha Grande, em de novembro de 1889. - Gastão de Orléans".

Antes, em 16 Nov, dia seguinte ao da Proclamação da República, dirigiu o seguinte ofício ao Ministro da Guerra - Ten Cel Benjamim Constant.

Deus guarde a V. Excia. limo. Exmo. Sr. Tenente-Coronel Benjamim Constant Botelho de Magalhães, Ministro da Guerra. - Gaston de Orléans (iConde D'Eu), Marechal do Exército Brasileiro".

O exílio do Marechal Gastão de Orléans

O Marechal Gastão exilado foi residir no Castelo D'Eu, o casarão de Guise, na França, sua terra natal, de cuja Casa Imperial era príncipe. Inicialmente fez uma viagem de 110 dias pelos EUA, Japão, China, Ceilão, Índias, Egito e Terra Santa e dedicou-se a educação esmerada de seus filhos que seriam príncipes brasileiros militares e heróis da 1ª Guerra Mundial no Exército da Inglaterra, como se verá. D. Pedro II faleceu em Paris em 1891 e a Imperatriz Tereza Cristina, no Porto, num quarto de hotel em Dez 1919. A princesa Izabel faleceu em seguida em 14 Nov 1921, muito amargurada com a perda heroica em ação do seu caçula, o Capitão D. Antônio, do Regimento Royal Canadian Dragoons do Exército Inglês. A princesa sofreu muito com a doença adquirida na guerra pelo Príncipe D. Luiz, também herói do Exército Inglês e que sobreviveria a mãe pouco tempo. E com os sogros, a esposa e dois filhos mais moços, todos mortos, é que o Conde D'Eu visitaria o Brasil em 1921.

O Marechal Gastão de Orléans e a dedicação e educação dos filhos

O Marechal Gastão, antes e depois, no exílio, dedicou seus dias a bem educar seu filhos príncipes brasileiros, tarefa que o absorveu na Europa.

Confiou a tarefa de bem educá-los, enquanto no Brasil, ao gaúcho Barão Ramiz Galvão, que foi Diretor assinalado da Biblioteca Nacional. E ele assim depôs:

"O Marechal Gastão de Orléans era pai extremoso e exemplaríssimo chefe de família. Ele acompanhou com solicitude a educação de seus 3 filhos (D. Pedro, D. Luiz e D. Antônio), quando chegou a oportunidade de lhes dar um preceptor. Honrado então com esta melindrosa incumbência e tendo vivido por 7 anos de 1882-89 na intimidade daquele virtuoso lar, posso dar o testemunho do interesse que o Marechal Gastão de Orléans dava ao progresso intelectual de seus filhos, sem aliás, intervir jamais, cerceando-me a autoridade indispensável ao educador."

O Capitão José Maria, comandante do Alagoas, que transportou a família do Marechal para o exílio assim testemunhou:

O Marechal e Conde D'Eu mostrava-se tranquilo e sobretudo cuidava dos três filhos. Durante a travessia, arvorou-se em mestre-escola. Velava sobre os três filhos com grandes extremos (de extremoso) e severa disciplina. Os príncipes tinham horas rigorosas de acordar e de dormir, bem como para o banho, recreio e lições."

O filho mais velho, D. Pedro de Alcântara, nasceu em Petrópolis em 15 Out 1875, decorridos cerca de 10 anos do casamento dos pais. Como primogênito, por força da

Constituição do Império, recebeu o título de Príncipe do Grão Pará, por ser o herdeiro do trono do Brasil. Foi o único filho que sobreviveu ao Marechal Gastão. Ele cursou Escola Militar na Áustria e atingiu o posto de capitão. Teve 5 filhos: D. Izabel (1911), D. Pedro de Alcântara (1913), D. Maria Francisca (1914), nascidos no Castelo D'Eu. E mais D. João (1916) e D. Tereza Maria (1919) nascidos em Boulogne sur Seine. E quase todos nascidos durante 1ª Guerra Mundial.

D. Luiz nasceu em 1878. Em 02 Out 1895 ingressou na Escola Militar de Viena para cursar Artilharia, levado pelo próprio pai e com autorização do Imperador Antônio José. Concluído o curso de Artilharia serviu algum tempo Exército da Áustria. Constituiu família e teve, antes da 1ª Guerra Mundial, filhos. D. Pedro Henriques (1909-81), D. Luiz Gastão (1911-31), falecido aos 20 anos e D. Maria Pia, em 1913. Com a eclosão da guerra incorporou-se ao Exército da Inglaterra onde se destacou em diversos combates e batalhas como oficial de Ligação de Artilharia. Combateu de Ago 1914 a Jun 1915, por cerca de 9 meses, quando teve de dar baixa, gravemente doente por moléstia adquirida campo de batalha, nas geladas trincheiras do Yser. Depois de padecer por cerca de 5 anos veio a falecer em 26 Mar 1920, aos 42 anos, sendo condecorado postumamente pela França, Bélgica e Inglaterra. Foi conhecido como o Príncipe Perfeito, apelido honroso com que passou à História do Brasil.

O Rei Alberto I da Bélgica o considerou, "**homem como poucos e príncipe como nenhum.**" Ao sentir a morte chegar, chamou os seus filhos, com 11,9 e 7 anos, para que se aproximassem do seu leito, para assistirem como morria príncipe católico.

D. Antônio cursou a Escola Militar em Viena-Áustria. Lutou na 1ª Guerra Mundial como Capitão do Regimento Royal Canadian Dragoons de 23 Ago 1914 a 11 Jun 1917. Corajoso em missão de guerra atravessou o Canal da Mancha avião, tendo este caído em Edmonton. Quando o retiravam ainda vivo dos destroços o ouviram dizer - Pater Noster. Faleceu no Hospital Militar local em Nov 1918. Recebeu postumamente a Croix de Guerre. Era solteiro. Sua morte encheu de dor os corações de seus pais.

O Marechal Gastão de Orléans, como soldado de tradição e coração, possuía muito orgulho dos seus filhos brasileiros como bravos guerreiros. Detalhes maiores sobre aspectos militares dos filhos do Marechal Gastão de Orléans podem ser buscado com Luiz da Câmara Cascudo na biografia do Conde D'Eu.

Os conselhos do Conde D'Eu ao filho artilheiro ao ingressar na Artilharia na Escola Militar de Viena em 1905

"A meu querido filho Luiz. Viena, 2-5-1905.

"Chegado o momento em que te era preciso encontrar, infelizmente longe de nós, uma ocupação na carreira militar, escolhi, de acordo contigo e deixando de lado a Marinha que não quiseste, a Artilharia, como sendo a arma em que terás mais ocasião de desenvolver a capacidade que sempre mostraste, e de entreter o hábito da aplicação ao estudo que tão grande auxílio é na vida, e que, perdemos, infelizmente, com muita facilidade quando nos abandonamos à falta de cuidado e à preguiça.

Tem, pois, estes princípios constantemente em vista: conserva e mantém, tanto quanto as tuas forças o permitam, o hábito de te aplicares a todos os trabalhos que a Providência te destine.

Lembra-te de que é regra universal, de acordo tanto com a lei divina como com a sabedoria humana, fazer da melhor forma possível tudo o que se deve fazer.

É assim que se satisfaz a própria consciência e que se é honrado neste mundo.

É assim que terás também a satisfação de obter sempre as melhores notas possíveis nos teus exames e na tua conduta, e por esse meio darás contentamento a tua mãe e a mim.

Que esses pensamentos te ajudem a suportar, com alegria, as tristezas e os inconvenientes da tua vida atual, os quais sou o primeiro a reconhecer, mas que saberás levar com paciência, como deve fazer todo homem de coragem, sobretudo se tratando de uma prova destinada a ter um fim, e que comporta freqüentes abrandamentos.

Sê antes de tudo fiel aos preceitos da tua religião!

Fica sempre atento quando estiveres na missa.

Recomenda-te freqüentemente a Deus e à Santa Virgem, sobretudo nos momentos de desânimo ou de perigo, o que sempre se pode fazer por meio de breves invocações.

Não esqueças as orações da manhã e da noite, nem a tua pequena leitura piedosa, todas as vezes que não estiveres absolutamente impedido, e sobretudo não esqueças a confissão e a comunhão mensais.

Fá-las com atenção, fervor, e prepara-te para elas desde a véspera e haure nelas a força para observar os preceitos que te acabo de traçar.

Foge sempre com decisão das conversas desfavoráveis à religião, à moral ou aos bons princípios, das leituras perigosas, e também dos espetáculos que poderiam apresentar algum inconveniente desse ponto de vista.

Não descuides da tua saúde, nem do hábito dos exercícios físicos, que é tão essencial.

Bem sei que no interior da Academia Militar não tens infelizmente muito o que escolher. Mas compensa essa lacuna entregando-te por inteiro aos exercícios que te forem impostos: exercícios militares, equitação, ginástica, esgrima e também, se possível for, a dança!

Nas tuas saídas, em dias de recreio, faz o mais possível caminhadas a pé, para não perderes o bom costume da marcha.

Toma cuidado com os resfriados: sobretudo após o banho quente ou a transpiração das marchas, agasalha-te bem e não pares em locais frios ou expostos ao vento.

Esforça-te por seres sempre alegre, amável, bem educado, submisso, obediente, muito pontual, ativo, ordenado, zeloso da tua limpeza e dos teus guardados.

Manifesta sempre gratidão para com o oficial colocado junto a ti, pelos cuidados que ele tomar para te guiar, para te encorajar e sobretudo para te facilitar os estudos um pouco árdusos que tiveres que fazer.

Recorre a ele nas dificuldades e, mesmo quando elas parecerem desde o primeiro momento invencíveis, não te entregues ao desânimo.

Graças à bondade Divina, tens uma natureza capaz de muita coisa boa e até de sucessos, como felizmente já pudemos muitas vezes comprovar, se bem que ela ainda tenha, como deves reconhecer, necessidade de ser corrigida em vários pontos.

Eis porque, no momento em que pela primeira vez vais ficar longe da tua família, quis deixar-te, a título de encorajamento, estes poucos conselhos inspirados, filho querido, no fundo do coração; e mais desenvolvidos ainda do que pude fazer para o teu irmão mais velho em semelhante ocasião.

Tenho confiança de que este período da tua existência, talvez penoso, será para ti de grande utilidade para o futuro, forçando-te a regras um tanto austeras, e ensinando-te a ver a vida do lado sério, que é, aliás, o principal, não podendo e não devendo ser a diversão senão um alívio passageiro.

Não esqueças da tua família e dos teus amigos; nem dos bons ensinamentos que recebeste na França e dos que pudeste conservar da tua primeira infância e do país - o Brasil em que nasceste.

Escreva-me ao menos uma vez por semana, assim como à tua mãe. Toma o hábito de responder, ainda que em breves palavras, a todas as cartas que receberes, a menos que sejam de desconhecidos; quanto a essas, agirás bem, mas enviando para me pedires conselho.

Ao me separar de ti, bem a contragosto, por alguns meses, abraço-te ternamente".

O Marechal Gastão de Orléans no Brasil em 1921

Em 03 Dez 1920, o Presidente da República, Epitácio Pessoa revogou o Decreto de Banimento da Família Imperial do Brasil. E assim o Conde D'Eu *pode* retornar ao Brasil. E veio a bordo do Encouraçado **São Paulo**, hoje nome do mais novo porta aviões do Brasil.

Trazia, em companhia do único filho sobrevivente, os restos mortais do Imperador D. Pedro II e da Imperatriz D.Tereza Cristina.

Chegou ao Brasil em 08 Jan 1921 e foi alvo de calorosas manifestações de carinho. Foi recepcionado pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro em 12 Fev1921, de que era Presidente de Honra e seu mais antigo sócio.

Na Vila Militar, construída por seu antigo colaborador e amigo, o mais tarde Marechal Hermes da Fonseca, ele foi recebido, e proferiu discurso que, segundo Câmara Cascudo. "***empolgou a rude alma dos soldados que o vitoriaram.***"



O Marechal Gastão de Orléans em seus últimos tempos de vida no Castelo D'Eu, em Guise, França, ainda mantendo a vibração militar de soldado que sempre animou o seu peito, a ponto de encaminhar seus 3 filhos príncipes brasileiros para

A morte em alto mar do Marechal Gastão de Orleans

O Marechal Gastão de Orleans, atendendo a convite do Governo para estar presente aos festejos do Centenário da Independência do Brasil, embarcou no **Mansilla** para o Brasil, com problemas de asma e coração, em companhia da viúva princesa Maria Pia e netos. Ficava infeliz com a possibilidade de por doença não poder visitar o Brasil no centenário. Mas faleceu em alto mar, em 28 Ago 1922, faltando 10 dias para o centenário e com a idade de 80 anos e 4 meses, dos quais 25 ligados ao Brasil e que o ligaram à alma da terra brasileira, pela qual até combateu e dirigiu suas forças armadas na guerra do Paraguai. Seu grande biógrafo, o mestre Luiz Câmara Cascudo, que fez justiça à sua memória assim referiu:

"Em 31 Ago 1922, seu corpo chegou ao Rio de Janeiro e foi levado para a Igreja Santa Cruz dos Militares, onde a população contemplou os restos mortais do grande Soldado do Brasil."

E prosseguiu, sobre as injustiças históricas que haviam seguido o Conde 'Eu e príncipe da Casa.

"E sobre a sua nobre figura desabaram todas as tempestades do ódio, da usação e da mentira que só o tempo teve o dom de limpar tantas névoas nsas, injustamente acumuladas sobre fastos ilustres e feitos valorosos. Como o seu pai que esteve para reinar a França, comandou milhares de homens e assistiu a todos os espetáculos que o Poder e a Glória reservam s predestinados."

Condecorações do Marechal Gastão de Orleans

A sua 1ª condecoração foi a de Cavaleiro de 1ª Classe da Real Ordem Espanhola de São Fernando, seguida da Espanhola da Campanha da África. No Brasil foi Grã-Cruz, ou grau máximo de todas as ordens brasileiras de D. Pedro I, da Rosa e do Cruzeiro e das de Portugal de N.S Jesus Cristo e São Bento de Aviz. Recebeu as medalhas de Uruguaiana, Mérito Militar e Campanha Geral do Paraguai, por sua atuação nesta guerra, onde também fez jús à medalha Campanha Geral da Argentina. Foi Grã-Cruz das ordens estrangeiras: Ducal da Casa Ernestina da Saxônia, do Mérito Nobre, da Antiga **ria** Torre e Espada; do Valor e Lealdade; Mérito de Portugal, San Estevam da Hungria; Carlos III da Espanha; Leopoldo I da Bélgica; Legião de Honra da França; Imperial Águia Mexicana e do Sol nascente do Japão.

A Colônia Conde D'Eu

A atual cidade de Garibaldi-RS tem origem na antiga Colônia Conde D'Eu, assim denominada em Ata s/n^Q de 24Mai1870. Já em Abr1884 a Colônia era elevada à categoria de freguesia, pertencendo à Diocese de Caxias do Sul.

Em 110ut1890, com a criação do município de Bento Gonçalves, a Colônia (Freguesia) fica incluída naquele município. Finalmente, em 31Out1900, a Lei nº 327 eleva à categoria de Vila e Município autônomo a ex-Colônia Conde D'Eu, sob a denominação de GARIBALDI. (Colaborações do Acadêmico Emérito Sub Tem Alvino Melquídes Brugalli)

Bibliografia consultada

AULER, Guilherme, ten dr. O Centenário do Marechal Conde D'Eu. **A Defesa Nacional**. Abr 1942.

BENTO, Cláudio Moreira, Cel, **História da 3ª M**. Porto Alegre: 3ª RM, 1995, v. 1 _____ . **Estrangeiros e descendentes na História Militar do RGS**. Porto Alegre: IEL, 1975.

CASCUDO, Luiz da Câmara. **Conde D'Eu**. São Paulo: Cia Ed. Nacional, 1933.

CUNHA, Maurílio da. Cel, **Guerra do Paraguai**. Escola da Aeronáutica. Rio de Janeiro, 1946.

PALHA, Américo. **Soldados e Marinheiros do Brasil**. Rio de Janeiro: BIBLIEX, 1962.

SOUZA, Benedito José de. O Marechal Conde D'Eu e a Guerra do Paraguai. **Revista Militar Brasileira**, Jan/Fev 1971.

RANGEL, Alberto. **Conde D'Eu**. São Paulo: Cia Ed. Nacional. 1935.

REIS, Coelho dos, Maj, O Centenário do Marechal Gastão de Orléans, o Conde D'Eu. **Nação Armada** ns 29, Abr 1942.

SANTOS, Armando Alexandre dos. **Os Conselhos do Conde D'Eu ao Príncipe Perfeito**. RIHGB, ne 398, Jan/Mar 1988, p.79/84.

TAUNAY, Visconde de. **Diário do Exército**. São Paulo: Melhoramentos, 1958.

_____. **Memórias**. Rio de Janeiro: BIBLIEX.

A Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil criou a Cadeira Especial Conde D'Eu cujo titular é o Acadêmico Benemérito Professor Aquilino Bouzan, auxiliar do Presidente da AHIMTB-DF Marechal José Pessoa, com sede no Colégio Militar de Brasília e presidida pelo acadêmico benemérito Gen Div Arnaldo Serafim.